

Um projeto ambicioso

Presidentes de 34 países americanos chegam a um acordo para estabelecer uma zona de livre comércio do Alasca até a Patagônia a partir do ano 2015



Na Cúpula das Américas, Clinton e a esposa cumprimentam Itamar e Fernando Henrique

Aldo Gamboa

Para alguns, foi a primeira oportunidade de aparecer em uma reunião de alto nível na qualidade de presidente. Para outros, foi apenas um hiato em uma supercarregada agenda para cumprir uma formalidade protocolar de três dias. Para poucos, era a oportunidade de selar uma sociedade com os dois países mais ricos do hemisfério.

A Cúpula das Américas, que se realizou na cidade de Miami entre 9 e 11 de dezembro, reservou a cada presidente uma pequena parcela de êxito, suficiente para não ter que retornar a seus respectivos países carregando a pesada mala da decepção. E ainda sobrou tempo suficiente para os mandatários aprovarem uma Declaração de Princípios e um Plano de Ação para colocar em prática, a partir do ano 2015, uma ambiciosa zona de livre comércio que irá das montanhas de gelo do Alasca até as pedras da Patagônia.

Entre os temas já habituais nesse tipo de reunião, os países americanos se comprometeram a respeitar os direitos humanos, o desenvolvimento sustentável e ambientalmente responsável, além de apontar o tráfico internacional de drogas, a lavagem de dinheiro e a corrupção como os principais elementos desestabilizadores das democracias do continente.

A agenda - Concebida originalmente para lançar a pedra fundamental do edifício do livre comércio hemisférico, a Cúpula das Américas tinha uma magra agenda, que na verdade se resumia em um único ponto, formulado de diversas maneiras: de que forma os países americanos podiam avançar na consolidação do ansiado mercado comum.

Em princípio, todos os países do hemisfério viram com bons olhos a proposta de uma área continental de livre comércio, mas não demoraram em surgir as divergências sobre as formas de materializar o sonho e o prazo para sua eventual aplicação. A principal dificuldade encontrada pelos técnicos que iniciaram a análise do assunto era a forma de compatibilizar o diferente grau de desenvolvimento das iniciativas já existentes sobre integração regional, como o Mercosul e o Pacto Andino.

As enormes dificuldades para encontrar um caminho viável para a criação e aplicação de uma zona de livre comércio, se somou a evidente indiferença do governo dos Estados Unidos em relação à ideia.

Pressões contra o projeto - Bill Clinton chegou à reunião carregando nas costas a responsabilidade de uma esmagadora derrota eleitoral, a pressão da opinião pública para que aparecesse como um estadista e o permanente alerta de seu próprio partido para que

adiasse ao máximo qualquer iniciativa que se sobreponha ao Tratado de Livre Comércio (Nafta, em sua sigla em inglês), que une os Estados Unidos, México e Canadá.

Esse desinteresse se manifestou de duas maneiras: em primeiro lugar, nas fracassadas pressões dos Estados Unidos para que não se determinasse uma data ou um prazo para o início da zona de livre comércio. Com isso, a Casa Branca considerava que podia adiar indefinidamente o compromisso.

Por outro lado, em seus discursos, Clinton colocou muito mais ênfase no fato de que os 34 presidentes presentes ao encontro tinham sido eleitos democraticamente em seus países, do que no livre comércio regional, motivo da reunião.

Apesar disso, por uma proposta de um grupo de países sul-americanos, a Cúpula determinou que em 1996 terão início reuniões de especialistas para analisar a viabilidade do projeto, em um aumento progressivo dos estudos que se estenderá até o ano 2005. O prazo máximo fixado para a implementação da zona comercial livre de barreiras alfandegárias foi estipulado para o ano 2015.

A outra reunião de cúpula - Uma vez em Miami, as delegações pareceram privilegiar mais os contatos com o presidente anfitrião, Bill Clinton, do que as negociações em bloco. Porém, desde o primeiro dia, Clinton deixou

AMÉRICA LATINA

CÚPULA DAS AMÉRICAS

claro que não negociaria com mais de um país ao mesmo tempo, aplicando um implacável bilateralismo que rapidamente diluiu as ilusões de acordos preferenciais.

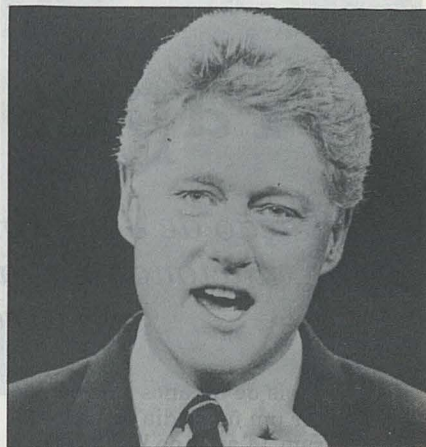
O caso mais notório era o do Chile. Como a Casa Branca já tinha deixado filtrar uma semana antes do encontro que Clinton aproveitaria a cúpula para anunciar o início das negociações para uma eventual incorporação chilena ao Nafta, a delegação de Santiago parecia limitar-se unicamente a esperar o pronunciamento.

Desde que chegou a Miami, o presidente chileno Eduardo Frei quase não teve oportunidade de fazer declarações sobre a questão do livre comércio he-

misférico, reservando espaço em sua agenda apenas para entrevistas com grandes periódicos norte-americanos especializados em economia, para tratar da entrada do seu país ao tratado. Chile e os países do Nafta iniciarão no próximo ano os estudos de viabilidade para uma associação prevista para depois do fim do século.

Apesar dos desmentidos diplomáticos, soube-se que a delegação mexicana não recebeu com agrado a possibilidade de incorporação do Chile ao Nafta.

Por outro lado, o presidente mexicano Ernesto Zedillo viajou a Miami disposto a obter apoio de seus colegas americanos para uma nota de repúdio à Proposta 187, aprovada recentemente no



Clinton: mais ênfase na democracia do que na integração comercial

estado da Califórnia, que elimina todos os serviços de saúde e educação gratuitos a imigrantes em situação ilegal.

O chanceler mexicano José Angel Gurría chegou a manter uma reunião a portas fechadas com o secretário de Estado Warren Christopher, a quem manifestou o desagrado de seu governo com a Proposta 187. Apesar do explícito apoio dos presidentes centro-americanos à queixa mexicana, Christopher comunicou a Gurría que o tema era uma questão interna dos Estados Unidos e que a Casa Branca não estaria disposta a tolerar notas de protesto sendo a anfitriã da festa.

Os países centro-americanos também foram à reunião com a expectativa de discutir com os Estados Unidos e Canadá os preços internacionais da banana, mas foram imediatamente avisados de que Clinton não pretendia conversas sobre nenhum tema que não estivesse incluído na agenda original.

Resultados práticos – Na prática, os países latino-americanos conseguiram superar o pouco interesse demonstrado pelos Estados Unidos e Canadá e arrancaram dos ricos vizinhos do norte da América um compromisso ambicioso: daqui a 20 anos estarão todos integrados numa zona de livre comércio.

O fato serve mais para deixar claro o interesse que existe entre os países latino-americanos em uma sociedade com os vizinhos ricos, do que em deixar aberta uma porta efetiva para a integração comercial hemisférica. Se a zona de livre comércio é uma possibilidade concreta, isso quem determinará é o desenvolvimento da região nas próximas duas décadas e as relações de força que existam na época a nível regional.

Uma ausência ostensiva

Poucas vezes nas reuniões regionais de alto nível realizadas na América Latina nos últimos anos, uma ausência foi tão ostensiva ou esteve tão presente em todas as discussões como a do presidente cubano Fidel Castro na Cúpula das Américas.

Para justificar a ausência, as delegações alegaram que foi o anfitrião Bill Clinton que enviou os convites, e que não havia como dizer ao dono da casa quem deveria estar presente na sua festa.

O papel de principal porta-voz dos ataques anticastristas e dos apelos pela democratização de Cuba esteve – como tem acontecido tradicionalmente

nos últimos encontros – a cargo do presidente argentino Carlos Menem. Recebido com honras de herói por milhares de cubanos furiosamente anticastristas em Miami, considerado “Presidente Honorário de Cuba”, Menem chegou a dizer que

estava disposto a “dar sua própria vida pela liberdade da ilha”.

Porém, sua pregação anticomunista caiu no vazio e até Violeta Chamorro, a presidenta da Nicarágua – figura acima de qualquer suspeita de nutrir simpatias pelo regime de Fidel Castro –, optou por se manter estrategicamente longe de Menem cada vez que o mandatário iniciava seus ataques contra o presidente cubano. Assim, Fidel não esteve em Miami, mas graças ao presidente argentino, se falou dele quase ininterruptamente durante três dias.

Durante uma reunião que manteve com o secretário de Estado

Warren Christopher, o chanceler argentino Guido DiTella expressou o desejo de seu presidente de que a cúpula emitisse um documento de repúdio ao governo de Havana. A resposta que recebeu foi tão seca que à saída do encontro não quis comentar o assunto.

(A.G.)



Fidel: mesmo ausente, foi objeto permanente de discussões